

---

# *Obrigada por reciclar corretamente!* Evolução e refuncionalização da fórmula de agradecimento *obrigado/a*

*Obrigada por reciclar corretamente!* Evolution  
and Refunctionalization of the Thanking Formula  
*obrigado/a*

DAVID PAUL GERARDS  
Johannes Gutenberg-Universität Mainz  
[david.gerards@uni-mainz.de](mailto:david.gerards@uni-mainz.de)

**| Abstract:** This paper qualitatively examines a set of presumably ongoing changes in the morphological encoding and the fine-grained pragmatic modulation of the speech act of thanking in contemporary Portuguese. Specifically, it explores the apparent anarchy in the use of the Portuguese thanking formula *obrigado<sub>M</sub> / obrigada<sub>F</sub>*, which has frequently been the target of polemical purist criticism. It will be shown that this formula has not only undergone, as is widely acknowledged, a shift from a deverbal adjective inflecting for speaker gender and number to an invariable interjection *obrigado*, but that there is also compelling evidence for two additional innovative uses: (i) allocutive inflection based on the gender of the hearer and (ii) the emergence of a new invariable interjection *obrigada*. Motivated by informal observations made by the author and supported by subsequent analysis of selected readily available (meta) linguistic data from diverse internet-based sources, it is suggested that phenomena (i) and (ii) consistently result from the speaker's effort to convey the highest possible degree of politeness.  
**| Keywords:** obrigado, verbal politeness, allocutivity, refuncionalization, exaptation.

**| Resumo:** O presente artigo examina de forma qualitativa um conjunto de mudanças presumivelmente em curso na codificação morfológica e nas possibilidades de modulação pragmática no ato de fala de agradecimento no português contemporâneo. Concretamente, analisar-se-á a aparente anarquia no uso da fórmula de agradecimento portuguesa *obrigado<sub>M</sub> / obrigada<sub>F</sub>*, frequentemente alvo de críticas puristas e menos consensuais. Demonstrar-se-á que esta fórmula não só evoluiu, como é amplamente reconhecido, de um adjetivo deverbal flexionado de acordo com o género e número do falante para uma interjeição invariável

*obrigado*, mas que também apresenta indícios claros de duas inovações adicionais: (i) a flexão alocutiva em função do gênero do destinatário, e (ii) a emergência de uma nova interjeição invariável *obrigada*. Motivado por observações informais feitas pelo autor e sustentado por uma análise subsequente de dados (meta)linguísticos selecionados e provenientes de diversas fontes *online*, sugerir-se-á que os fenômenos (i) e (ii) resultam sistematicamente do esforço do falante para expressar o mais elevado grau possível de cortesia.

| **Palavras-chave:** obrigado, cortesia verbal, alocutividade, refuncionalização, exaptação.

## 1. INTRODUÇÃO

*Nullum enim officium referenda gratia magis necessarium est* — nenhum dever é mais necessário do que o de retribuir a gratidão. Como evidencia esta citação, o próprio Cícero (*De Officiis* 1, 47) já reconhecia o papel fundamental do ato de agradecer para o bom funcionamento das sociedades humanas. O mesmo se aplica aos pais que incentivam os filhos a dizer *obrigado*, precisamente porque a criança ainda não interiorizou a importância social deste ato de fala; ou à gerência de uma empresa que, num correio eletrônico de teor negativo, exprime antecipadamente o seu agradecimento pela compreensão do destinatário.

Os dois exemplos anedóticos apresentados acima, por si sós, já são suficientes para demonstrar que o ato de agradecer constitui um verdadeiro ritual conversacional, uma rotina interacional amplamente automatizada (Coulmas 1981: 70, 78; Held 1996: 376; para mais informação sobre o ensino das fórmulas de agradecimento às crianças, veja-se, p. ex., Apte 1974: 85 e Floyd *et al.* 2018: 2). Trata-se de um comportamento social que “reflects principles of cooperation [...] argued to be at the centre of human evolution” e que, enquanto tal, não só contribui para a melhoria da qualidade do sono e da saúde física e psicológica, mas também reforça a autoestima e leva a que sejamos mais apreciados pelos outros e percebidos como mais dignos de confiança (Floyd *et al.* 2018; Percival/Pulford 2019). Não menos diversificado é o repertório linguístico de que os falantes de português (e não só) dispõem para verbalizar a gratidão: (*muito*) *obrigado*, *obrigadíssimo*, *brigado*, (*o*)*brigadinho*, (*o*)*brigadão*, *grato*, *agradeço*, (*fico-lhe (muito)*) *agradecido*, *bem-haja, que Deus lhe pague, não tenho palavras* — e muitas outras fórmulas, cuja escolha, num determinado momento sincrónico, é condicionada por diferentes tradições discursivas. Estas, por sua vez, correspondem a diferentes graus de ‘dívida’ para com o interlocutor e podem refletir diferentes tipos de relação social entre este e o emissor. Naturalmente, estas tradições discursivas manifestam-se também em diferentes pontos do *continuum* entre o imediato e a distância comunicativa (e, portanto, em diferentes espaços diatópicos, diastráticos e diafásicos), podendo, até certo ponto, e embora de forma limitada, dar igualmente lugar a preferências individuais.

Se, por um lado, o agradecimento é um pilar intemporal da convivência social, por outro, a sua realização formal pode revelar dinâmicas linguísticas inesperadas, mesmo

perante a grande variedade de fórmulas de agradecimento existentes numa determinada língua histórica. Este é precisamente o caso de uma observação empírica feita pelo autor, a qual está na origem deste artigo: o uso da fórmula de agradecimento portuguesa na sua variante morfológicamente feminina *obrigada* por falantes que, de acordo com a norma-padrão, utilizariam a forma masculina *obrigado* — um fenómeno que, tanto quanto sabemos, até agora não tem suscitado muita atenção da linguística. A título de exemplo, regista-se o uso inesperado de *obrigada* no seguinte diálogo entre o autor masculino do presente artigo e um homem em situação de mendicidade, ocorrido na cidade de Sines (Alentejo Litoral), no dia 9 de maio de 2024 (para mais exemplos, veja-se a Secção 4).

M: Não me consegues arranjar uma moedinha para comer?

A: Toma. [O autor entrega uma moeda de um euro ao mendigo.]

M: Não tens mais um eurito?

[O autor abana a cabeça em sinal de recusa.]

M: Ok, não te preocupes. **Obrigada.**

O facto de o mendigo, no diálogo aqui reproduzido, reagir à recusa do autor do presente artigo com *obrigada*, em vez da forma masculina *obrigado*, contraria as regras da norma-padrão da língua portuguesa: *obrigado*, enquanto adjetivo deverbal, deveria concordar em género e número com a pessoa que expressa o agradecimento, ou seja, neste caso, o enunciador masculino. Como pudemos comprovar em várias conversas informais com falantes nativos do Português Europeu, o uso de *obrigada*, tal como exemplificado acima, constitui um exemplo de uma prática linguística cuja existência é negada por uma parte da comunidade linguística em que ocorre (cf. Wall 2017 para outro exemplo português; para uma série de comentários metalinguísticos que reconhecem este uso de *obrigada*, veja-se a Secção 4). Desconhecemos, em última análise, se tal facto se deve a atitudes prescritivo-puristas ou, para utilizar um termo que ainda aguarda uma definição consensual no seio da linguística (cf. Boswijk/Coler 2020), a uma simples falta de saliência da diferença fónica entre *obrigada* e *obrigado*. No entanto, segundo a nossa própria intuição empírica, o uso em questão parece estar a tornar-se mais frequente.

Na Secção 2, apresentamos algumas reflexões introdutórias sobre o ato de fala de agradecer e a sua ligação à cortesia verbal. Estas considerações servirão de base à Secção 3, onde, a partir das observações anteriores, esboçamos um primeiro percurso diacrónico da realização linguística da expressão da gratidão em português. Essa abordagem diacrónica, por sua vez, constitui um pressuposto indispensável para a Secção 4, na qual se analisará a utilização, já mencionada, de *obrigada* por falantes masculinos do português contemporâneo. Com base tanto em observações informais feitas pelo próprio autor em diferentes regiões do mundo lusófono como em dados (meta)linguísticos qualitativos provenientes de diversas fontes *online*, propor-se-á (i) que esse uso inovador de *obrigada* tenha sido possibilitado por uma sucessão de mudanças linguísticas anteriores e, (ii) que, na atualidade, dilui dois subtipos distintos:

um primeiro, de caráter alocutivo, em que *obrigadolobrigada* flexiona consoante o gênero e número do destinatário e, um segundo, em que *obrigada* constitui, novamente, uma interjeição invariável. No entanto, os comentários metalinguísticos e as observações informais do autor sugerem também que ambos os subtipos partilham um traço fundamental: assentam no empenho do falante em expressar o mais elevado grau possível de cortesia face ao interlocutor. A Secção 5 encerra o artigo e aponta possíveis direções para investigações futuras, entre as quais se destaca, sobretudo, a necessidade de verificar as conclusões provisórias deste artigo através de estudos experimentais e/ou de corpora.

## 2. O AGRADECIMENTO ENQUANTO ATO DE FALA

A importância social do ato de fala de agradecer, que partilha um conjunto significativo de traços com o ato de pedir desculpa (Coulmas 1981; Leech 1983, 2014),<sup>16</sup> reflete-se também no facto de o agradecimento ter sido explicitamente integrado em diversas tipologias de atos de fala. Nos enquadramentos teóricos amplamente reconhecidos de Austin (1962) e Searle (1976), o ato de agradecer é classificado, respetivamente, como um ato de fala “behabitivo” e expressivo. Ambos correspondem a ações verbais performativas que “include the notion of reactions to other people’s behavior and fortunes and of attitudes and expressions of attitudes to someone else’s past conduct or imminent conduct” (Austin 1962: 83, 150f.; Searle 1976: 7). Caracterizam-se por uma pressuposição de veracidade da proposição expressa — sempre, porém, sob a condição de satisfação de um requisito de sinceridade (cf. Searle 1976: 12). A teorização do ato de fala de agradecer tem continuado a suscitar interesse entre os pragmatistas, também após as publicações seminais de Austin e Searle. Norrick (1978), por exemplo, numa resposta direta a Searle, propõe uma distinção mais detalhada entre diferentes tipos de atos de fala expressivos, enquanto Katz (2015), numa crítica à taxonomia de Searle, sugere enquadrar os agradecimentos na categoria dos seus *subjective directives*.

Ora, por mais importante que seja, o agradecimento verbal está longe de ocorrer com a mesma frequência em todas as culturas e, conseqüentemente, nas línguas por elas faladas. Pelo contrário, observa-se uma notável variação intercultural quanto às situações e ao interlocutor perante quem se realiza, ou não, um agradecimento verbal — uma descoberta que a linguística deve sobretudo a trabalhos pioneiros como os de Hymes (1972) e Apte (1974; cf. igualmente Eisenstein/Bodman 1993: 73f.; Haverkate 1993; Held 1996; Kachru 2008; Funke 2020, entre muitos outros). Diferenças na

<sup>16</sup> A dissolução da fronteira entre pedido de desculpa e agradecimento tornar-se-ia, segundo Coulmas (1981), particularmente evidente em situações em que ambos os atos de fala fossem pragmaticamente adequados. Este é, por exemplo, o caso de um dos exemplos mencionados na Secção 1: a fórmula *Agradecemos, desde já, a sua compreensão*, frequentemente utilizada no encerramento de comunicações comerciais, poderia ser substituída por (ou combinada com) *Pedimos desculpa pelos incómodos causados*.

frequência de realização do ato de fala de agradecer também emergiram em estudos tipológico-quantitativos mais recentes, como o de Floyd *et al.* (2018). Estes autores mostram que a verbalização explícita de gratidão é geralmente pouco frequente em todas as línguas por eles estudadas, mas que, dentro deste quadro global, as culturas ‘ocidentais’ se destacam por um uso mais frequente do respetivo ato de fala. Como consequência, concluem que é necessário que a pragmalinguística passe a distinguir “the potentially universal experience of gratitude” das “culturally variable practices of [linguistically] expressing [it]”. Essa posição parece tanto mais justificada quanto os próprios Floyd *et al.* (2018) e Haverkate (1993: 163) demonstram que há culturas em que a emoção da gratidão nunca é expressa linguisticamente (compare-se também Appadurai 1985). A hipótese inicial de Coulmas (1981: 81), segundo a qual os atos de fala de agradecer constituiriam um ato de fala universal e, também, que todas as línguas possuiriam meios convencionalizados para verbalizá-lo, revela-se, pois, precipitada. Com base no exposto, também não surpreende que variedades diatópicas de uma mesma língua histórica possam apresentar diferenças no que diz respeito à realização do ato de fala de agradecer (Hymes 1972; Funke 2020; Caro/Zuluaga 2024; Gut/Unuabonah, 2024); o mesmo se aplica a mudanças diacrónicas relativas ao momento e à forma de agradecer (Ghezzi 2015; Haselow 2024; Rodríguez Somolinos 2024).<sup>17</sup>

Tendo em conta a análise do uso da fórmula portuguesa *obrigada* por falantes masculinos na Secção 4, há um outro aspeto relevante a considerar nesta visão geral sobre o ato de fala de agradecer: a sua relação com a noção de cortesia. Na verdade, muitos pragmatistas consideram o ato de fala de agradecer intrinsecamente cortês. Um exemplo pioneiro a este respeito é Leech (1983: 104ff.), que defende que uma pessoa que agradece está a realizar um ato de fala expressivo convivial caracterizado por uma cortesia positiva inerente. Para Leech, um agradecimento valoriza e ‘amplia’ a face do outro e cumpre uma máxima de obrigação (Leech 2014: 91, 196; compare-se também Pulford 2019: 233 e Haselow 2024: 422). Esta posição está em consonância com a teoria da cortesia de Brown e Levinson (1987 [1978]): um agradecimento dirigir-se-ia à *face positiva* do interlocutor, ou seja, ao seu desejo de ser respeitado, apreciado e amado, sendo essa face ‘reforçada’ através do agradecimento (Brown/Levinson 1987: 67).<sup>18</sup> Contudo, a relação entre o ato de agradecer e a cortesia verbal não é tão unívoca nem tão clara como pode parecer a partir dos

<sup>17</sup> Face a estas considerações não surpreende que a complexidade multifacetada de saber “when and how to thank in [a ...] culture” (Hesabi/Azima 2015: 77) possa também representar um grande desafio no contexto da aprendizagem de segundas línguas. A bibliografia sobre este tema, que inclui igualmente estudos sobre aprendentes de línguas geneticamente próximas da sua língua materna, tem vindo a expandir-se progressivamente e continua a crescer (Eisenstein/Bodman 1986, 1993; Hinkel 1994; Aston 1995; Díaz Pérez 2004; Dumitrescu 2005; Hickey 2005; Bardovi-Harlig *et al.* 2008; Johansen 2008; Wong 2010; Cui 2012; Hesabi/Azima 2015; Pablos Ortega 2015; Yusefi *et al.* 2015; Gkouma *et al.* 2023, entre muitos outros).

<sup>18</sup> A cortesia daí resultante é, a nosso ver, ainda mais acentuada pelo facto de um agradecimento, adicionalmente, ameaçar a *face negativa* do próprio emissor (*ibid.*). Um agradecimento contraria o desejo do seu emissor de agir sem impedimentos — um fenómeno que está relacionado com o carácter

estudos acima mencionados. Em primeiro lugar, importa lembrar o facto de que em alguns contextos e em certas culturas pode ser mais cortês não agradecer do que fazê-lo (para o eurocentrismo que dificulta a compreensão desse facto, veja-se Floyd *et al.* 2018). Em segundo lugar, como reconhecido por Brown e Levinson (1987: 67), um agradecimento, embora amplie a face *positiva* do destinatário, também pode acarretar dificuldades para este. Concretamente, a pessoa alvo de um agradecimento vê-se diante de uma possível ameaça à sua face *negativa*: caso aceite o agradecimento, pode sentir-se pressionada a minimizar a dívida expressa pelo interlocutor através do ato de agradecer. Por fim, a terceira possível objeção à suposta cortesia inerente do agradecimento prende-se com a rotinização das fórmulas empregues nos atos de fala correspondentes: Como foi observado por Aijmer (1996: 72, 76f.), a rotinização das fórmulas de agradecimento pode tornar-se tão intensa que estas deixam de expressar uma “real gratitude” (veja-se também Harris Bond *et al.* 2000: 68). Este achado coincide com o de Bodman e Eisenstein (1986: 172), que, num conjunto de dados produzido por falantes nativos do inglês norte-americano, identificam uma “almost ritualistic inclusion of certain semantic information” e o cumprimento de “mutually shared script[s]” altamente repetitivos. Norrick (1978: 285) até chega a afirmar que esse elevado grau de formalização torna o agradecimento o “least ‘heartfelt’ of expressive illocutionary acts”.

A ‘erosão pragmática’ das fórmulas de agradecimento referida no parágrafo anterior revelar-se-á particularmente relevante na análise da fórmula portuguesa *obrigada* usada por falantes masculinos, apresentada na Secção 4: O esvaziamento (*bleaching*) da força ilocutória dessas fórmulas com frequência leva os falantes a procurar novas formas de restabelecer a funcionalidade comunicativa dos meios linguísticos utilizados para expressar gratidão (veja-se a tipologia de Aijmer 1996: 36 e também Ghezzi 2015: 325 e Simon 2021: 93f.). Este é o caso, por exemplo, de fórmulas menos rotinizadas e, em geral, mais longas — como *muito obrigado*, *obrigadíssimo* e outras variantes, citadas na Secção 1 — que quebram as expectativas do interlocutor, resultando numa perceção de uma “truly felt gratitude” (Norrick 1978: 285; veja-se também Coulmas 1981: 84; Eisenstein e Bodman 1986: 171 e Okamoto/Robinson 1997). Uma segunda possibilidade é a renovação formal completa através do uso de material linguístico sem qualquer relação etimológica com uma fórmula já excessivamente rotinizada (veja-se, por exemplo, Apte 1974; Terkourafi 2011; Ghezzi 2015: 336; Haselow 2024: 433; Rodríguez Somolinos 2024). Na Secção 4, veremos que a instabilidade diacrónica das fórmulas de agradecimento, entre outros fatores, é também um elemento-chave na explicação do uso de *obrigada* por falantes masculinos do português. Antes, porém, a próxima secção mostrará que essa mesma instabilidade diacrónica desempenhou um papel igualmente relevante na própria gênese da fórmula *obrigado(s)/obrigada(s)*.

---

“humbling” do próprio ato de agradecer (Brinton 2021: 182; compare-se também Jautz 2013: 19-34, 154-208, 251-276).

### 3. AGRADECER EM PORTUGUÊS: UM ESBOÇO DIACRÓNICO DA GÊNESE DE *OBRIGADO(S)/OBRIGADA(S)*

Segundo a norma-padrão do português contemporâneo, a fórmula de agradecimento mais comum é *obrigado(s)/obrigada(s)*. Trata-se de um adjetivo verbal que, sob o ponto de vista prescritivo, varia em função do género e do número do(s) falante(s). Na Secção 4, veremos que, além deste padrão normativo — daqui em diante referido como *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> —, existem vários outros padrões de uso da mesma fórmula. Antes de nos centrarmos, porém, nessas variantes, parece oportuno lançar um breve olhar diacrónico sobre as fórmulas de agradecimento em português. Tal análise permitirá compreender melhor a variação contemporânea da fórmula *obrigado(s)/obrigada(s)*, a qual se insere na instabilidade das fórmulas de agradecimento abordada na secção anterior.

Não existem, tanto quanto sabemos, estudos sobre a diacronia das fórmulas de agradecimento em português. Ainda assim, há indícios claros de que a fórmula atual *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> é uma inovação relativamente recente, datando do início do século XIX e tendo como predecessoras fórmulas mais longas, documentadas desde o início do século XVIII. Nesse sentido, pronuncia-se Fernando Venâncio, linguista português, no consultório linguístico *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, associado ao ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa:

- (1) Só por 1700 encontramos giros do tipo de *Fico-vos obrigado*. Mas mesmo o grande Morais, de 1789, dá *obrigado* como mero participio. Só a partir de 1830 se documentam *obrigados* de feição moderna. [...] Os testemunhos brasileiros são ainda mais tardios.<sup>19</sup>  
(Venâncio 2013; <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/obrigadinho/2756>)

A constatação de que *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> holofrástico resulta de uma redução formal de fórmulas mais longas é partilhada por Marco Neves, linguista português, na mesma página. Além disso, Neves salienta que, antes do surgimento de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub>, as fórmulas usuais eram *agradecido*, *bem haja* e *grato*.<sup>20</sup>

- (2) A interjeição portuguesa *obrigado* surgiu a partir de expressões mais complexas, como eram as fórmulas finais nas cartas, tais como *Muito Venerador e Obrigado a Vossa Mercê*. [...] Como agradeciam os portugueses antes desta transformação tão recente? Há outras expressões de cortesia na língua: *agradecido*; *bem haja*; *grato*... A certa altura, as tais fórmulas pomposas das cartas começaram a desbastar-se e daí surgiu mais uma fórmula de cortesia: o nosso conhecido *obrigado*.

<sup>19</sup> Não parece que haja diferença temporal na gênese da fórmula holofrástica *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> entre Portugal e o Brasil. O primeiro exemplo brasileiro registado no *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>) provém da peça de teatro *Angélica e Firmino* (1845), da autoria do escritor brasileiro Manuel de Araújo Porto-Alegre.

<sup>20</sup> Todas essas fórmulas, embora minoritárias, continuam a existir no português contemporâneo. Para outras variantes atualmente em uso, consulte-se a lista não exaustiva apresentada na Secção 1.

(Neves 2018; <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/qual-e-a-origem-da-palavra-obrigado/3725>)

Uma consulta preliminar ao *Corpus do Português* confirma a cronologia e a trajetória propostas por Venâncio e Neves, tanto para as fórmulas mais longas (3) – (7) como para a forma holofrástica (8). No que diz respeito às primeiras, repare-se, em primeiro lugar, no exemplo medieval (3), que ilustra o uso da perífrase *ficar obrigado*, atestado já nos primeiros momentos de documentação da língua portuguesa. Importa, no entanto, salientar que esse dado — ainda que seguramente o predecessor de *ficar-vos obrigado* — não constitui um uso dialógico e, portanto, não pode ser invocado como contraexemplo à datação de Venâncio acima referida. Em segundo lugar, observe-se que, nos exemplos setecentistas (4) e (5), a fórmula — agora sim, dialógica — do tipo *fico-vos obrigado* surge acompanhada, no contexto imediato, de uma segunda expressão de gratidão, como *ficar/mostrar ... agradecido*. Parece-nos plausível que essas coocorrências tenham igualmente contribuído para a formação da forma holofrástica *obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.EMISSION</sup>. Quanto a esta última (8), é verosímil que não seja mera coincidência o facto de a sua primeira atestação no *Corpus do Português* provir de uma peça de teatro (cf. ainda a nota de rodapé 19), dado que o teatro constitui um género mais próximo da imediatez comunicativa — um contexto onde, como bem se sabe, tende a surgir grande parte das inovações linguísticas (mas veja-se também Gerards e Kabatek 2018 para um contraexemplo português).

- (3) nõ era diuidor uerdadeiramët daquela cousa sobre que seu contëtör jurou fica obrigado pera lho pagar  
(Afonso X, *Terceyra partida*, 1300?)
- (4) Eu vos fico tao obrigado, como se efectiva mente a empreendesseis e me mostrarei sempre à vossa boa vontade *agradecido*.  
(Manuel Consciência, *Academia universal*, 1732)
- (5) e eu, quando naõ possa ficar emendado, ficarey agradecido, e obrigado até dar brevemente ao prelo sete tomos  
(Diogo G. C. de Aboym, *Escola moral ...*, 1759)
- (6) Participo também a Vossa Excelência que El-Rei lhe fica obrigado  
(Alexandre de Gusmão, *Cartas*, 1735)
- (7) De Vossa Mercê Criado muito obrigado Venerador e Amigo António da Costa  
(António da Costa, *Cartas do Abade António da Costa*, 1744)
- (8) Gregorio (Rindo) - Obrigado pelo elogio, que eu tambem era dos phariseus. - Alembra-me agora que talvez seja sua protectora a senhora Dona sôra D. Antonia do Menino Deus.  
(Almeida Garrett, *Teatro*, 1835)

A datação da génese de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.EMISSION</sup> holofrástico no início do século XIX encontra respaldo no aumento exponencial da frequência das sequências

<obrigado!> e <obrigada> por mil *tokens* ao longo desse século, conforme atestado pelo *Corpus do Português* (Gráficos 1 e 2; os números a vermelho correspondem às ocorrências absolutas). Já a razão para a diminuição da frequência no século xx exigiria uma investigação mais aprofundada. Tendo em conta a grande instabilidade diacrónica das fórmulas de agradecimento, é plausível supor que, no português contemporâneo, novas formas estejam já a emergir, substituindo gradualmente as variantes baseadas em *obrigado*. O facto de os gráficos não distinguirem entre o português europeu e o português brasileiro — variedade em que as variantes baseadas em *obrigado* parecem encontrar-se em retração (veja-se a Secção 5) — reforça a plausibilidade dessa explicação para os padrões de frequência no século xx. Por fim, seria também necessário aprofundar a análise do padrão frequencial do Gráfico 3 (sequência <obrigado>), cujo pico se verifica já no século xviii e não, como seria de esperar, no século xix. Talvez uma hipótese digna de ser explorada seja a de que a antiga perífrase do tipo *ficar-vos obrigado* tenha atingido um elevado grau de frequência no século xviii, funcionando, precisamente, como um pré-requisito para a emergência da nova forma holofrástica *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSION</sub>.

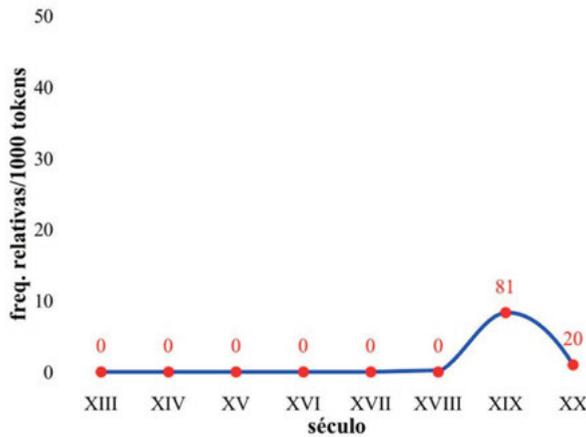


Fig. 1: Corpus do Português – *obrigado!*; frequências relativas por 1000 *tokens* por século e frequências absolutas por século

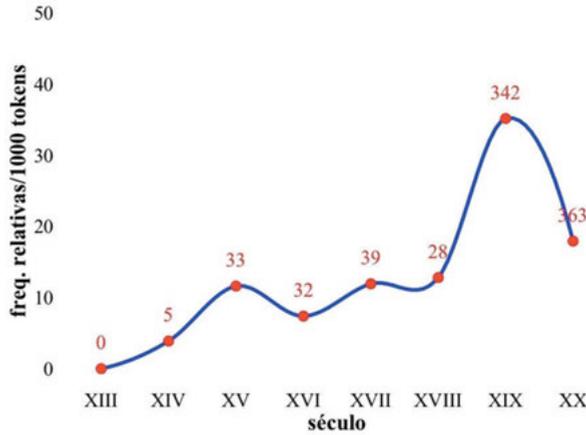


Fig.2: Corpus do Português – *obrigada*; frequências relativas por 1000 *tokens* por século e frequências absolutas por século

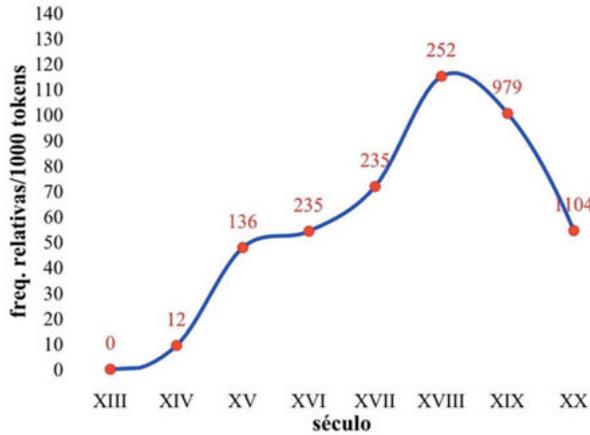


Fig.3: Corpus do Português – *obrigado*; frequências relativas por 1000 *tokens* por século e frequências absolutas por século

A emergência de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSION</sub> enquanto fórmula de agradecimento no início do século XIX também envolve implicações tipológicas significativas. Estas tornam-se particularmente evidentes quando situamos o português na classificação proposta por Aijmer (1996: 37), na qual a autora distingue oito estratégias distintas de agradecimento: As fórmulas mais antigas *agradecido* e *grato* (2) correspondem, a nosso ver, ao tipo B de Aijmer (“expressing gratitude”; exemplo inglês de Aijmer: *I am grateful*), ao passo que a nova fórmula *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSION</sub> representa uma

mudança para o tipo E (“acknowledging a debt of gratitude”; exemplo inglês de Aijmer: *I owe a debt of gratitude to...*).<sup>21</sup> Com essa nova fórmula, estamos, por assim dizer, perante a manifestação paradigmática da intersecção entre agradecimento e pedido de desculpa (compare-se com o que é referido na nota de rodapé 16).<sup>22</sup>

De acordo com uma perspectiva mais diacrónica explanada nesta secção, e também atendendo às considerações teóricas apresentadas na Secção 2, estamos agora em condições de avançar na explicação da observação empírica que deu origem a este artigo: o uso da fórmula de agradecimento *obrigada*, na sua variante morfológicamente feminina, por falantes que, de acordo com a norma-padrão, utilizariam a forma masculina *obrigado*.

#### 4. OS MÚLTIPLOS *OBRIGADOS*: MUDANÇA, ALOCUTIVIDADE E ESTRATÉGIAS DE CORTESIA

À luz das reflexões diacrónicas da secção anterior e do exemplo do mendigo alentejano apresentado na Secção 1, a questão que nos ocupa nesta Secção 4 é tentar esclarecer por que motivo alguns falantes masculinos do português contemporâneo, ao agradecer, nem sempre optam pela variante prescritivamente correta *obrigado*, mas, por vezes, empregam também a forma feminina *obrigada*. Sugerimos que este uso inesperado não surgiu do nada; pelo contrário, parece representar as últimas duas etapas de uma cadeia de mudanças sucessivas, em que cada uma pressupõe a anterior. É essa sequencialidade proposta que orienta também a estrutura da presente secção, organizada nos subcapítulos 4.1–4.3, desenvolvendo assim, de forma progressiva, a explicação para o uso de *obrigada* por falantes masculinos. A hipótese defendida é que esses usos, apesar de algumas diferenças entre si, resultam sempre do esforço do falante para expressar o mais elevado grau possível de cortesia. Argumentar-se-á ainda que o uso pragmático de *obrigada* nesse sentido constitui um processo de refuncionalização e exaptação de uma forma mais antiga, cuja funcionalidade original se encontra progressivamente menos enraizada no uso de muitos falantes. Essas conclusões baseiam-se em (i) situações quotidianas observadas pelo próprio autor no mundo lusófono, (ii) comentários metalinguísticos, tanto de linguistas profissionais como de falantes ‘leigos’, feitos em diferentes fóruns de discussão *online* e, (iii) em exemplos concretos provenientes de diferentes páginas de internet. As considerações que se seguem — e que, naturalmente, tornam imperativa uma investigação mais aprofundada (cf. Secção 5) — assentam,

<sup>21</sup> *Bem haja*, a terceira forma antiga mencionada em (2), cujo sentido literal é ‘desejo-lhe apenas o bem’, parece difícil de enquadrar na tipologia de Aijmer.

<sup>22</sup> Do ponto de vista contemporâneo, e tanto quanto sabemos, o português é a única língua românica cuja principal estratégia de agradecimento pertence ao tipo E. Note-se, porém, que *obligato* também existia como fórmula de agradecimento no italiano setecentista (Ghezzi 2015: 334); Leech (2014: 200) menciona ainda o uso da expressão *much obliged* no inglês americano, afirmando que se trata de uma “thanking formula that was formerly common but is little used today”.

portanto, em duas convicções fundamentais: primeiro, a de que fenómenos como o aqui estudado requerem uma *linguística empática* (Kabatek 2014) e, segundo, a de que as intuições dos próprios *falantes-linguistas* (Kabatek 1996) nos permitem lançar luz sobre fenómenos que, de outra forma, seriam difíceis de abordar e de compreender.

#### 4.1 Etapa 1 – a génese de uma interjeição:

*obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> → *obrigado*<sub>INTERJ</sub>

É um facto amplamente reconhecido que, no português contemporâneo, além de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub>, flexionado em função do género e número do emissor, também se regista frequentemente *obrigado* enquanto interjeição invariável (daqui em diante: *obrigado*<sub>INTERJ</sub>). Compare-se, a este respeito, o seguinte exemplo, retirado do romance *Irmãos Castanheira em A Canção dos Dinossauros* (1992), da escritora portuguesa Clara Pinto Correia:

- (9) Obrigado – disse a Aura – essa era difícil, não há dúvida. Olha que com o príncipe já devidamente apaixonado fica de repente tudo muito escuro, e aparece por fim a famosa Rainha da Noite em pessoa.  
(1992; *Google Books*)

Já a questão de quando se documentam os primeiros registos desta mudança de categoria lexical revela-se mais difícil de esclarecer. Embora não possamos oferecer aqui uma resposta definitiva, parece-nos, contudo, essencial salientar que, no *Corpus do Português*, os primeiros registos de *obrigado*<sub>INTERJ</sub> pronunciados por mulheres surgem quase simultaneamente ao primeiro testemunho de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> (8). Para ilustrar, considere-se o seguinte exemplo, da autoria de José de Alencar:<sup>23</sup>

- (10) Sim; teu pai disse: – Peri, tu és cristão; dou-te o meu nome! – Obrigado, meu Deus, disse a menina juntando as mãos e erguendo os olhos ao céu.  
(José de Alencar, *O Guarani*, 1857; *Corpus do Português*)

Embora existam inúmeros testemunhos puristas de críticos linguísticos na internet que condenam a mudança ilustrada em (10), parece que o uso de *obrigado* enquanto interjeição invariável está a ser cada vez mais aceite no mundo luso, também pelos gramáticos. Compare-se, a este respeito, a posição do linguista português Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, formulada há já mais de 25 anos, na página *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*:

- (11) Já uma senhora dizer *obrigado* é, actualmente, correcto, pois o vocábulo tornou-se invariável (em advérbio, ou melhor, interjeição), embora continue a estar certo uma mulher

<sup>23</sup> O facto de Alencar ser de origem brasileira poderia indicar, eventualmente, uma diferença cronológica no surgimento de *obrigado* invariável, uma questão que também excede o âmbito do presente trabalho.

dizer, facultativamente, *obrigada*, porque é ela que fica *obrigada* (particípio passado/adjectivo verbal) a quem deve algum favor, e esta noção ainda não se encontra completamente esquecida. Se o leitor e a sua mulher estiverem a agradecer seja a quem for (uma ou mais pessoas, homens, mulheres, ou homens e mulheres), pode dizer *muito obrigado* (uso adverbial) ou *muito obrigados* (particípio passado no plural masculino), que o engloba e à sua parceira.

(Peixoto da Fonseca; 1998; <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/controversias/1---obrigado-obrigada/1046>)

Marco Neves, colega de Peixoto da Fonseca e também de origem portuguesa, pronuncia-se de forma muito semelhante a esse respeito. No entanto, as suas considerações acrescentam uma nuance importante, nomeadamente a de que a perda do traço flexivo de número de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> está mais avançada do que a do traço de género.<sup>24</sup>

- (12) [A] interjeição continua a variar na boca de muitos falantes — mas só em género. Assim, um homem tende a dizer *obrigado!* e uma mulher a dizer *obrigada!*. Já a variação em número quase desapareceu: se um grupo disser *obrigados pela atenção!*, a expressão será vista como errada (ou pelo menos estranha) por uma grande parte dos falantes.

(Neves; 2018; <https://certaspalavras.pt/qual-e-a-origem-de-obrigado/>)

Além do reconhecimento da passagem de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> para *obrigado*<sub>INTERJ</sub>, as considerações de Neves em (12) e, sobretudo, as de Peixoto da Fonseca em (11) contêm outro aspeto muito importante: a constatação, mais ou menos explícita, de que *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub>, apesar da mudança de categoria lexical documentada, ainda não ‘caiu no esquecimento’. Este tipo de coexistência funcional entre variantes antigas e inovadoras — etapa anterior ao processo de exaptação (Secção 4.2) — pode, por vezes, revelar-se extremamente duradouro e constitui um traço característico dos processos de mudança linguística: “Uma vez que, em qualquer momento, alguma mudança linguística está em curso, o falante encontra-se [...] diante de uma tensão entre um estado de língua mais antigo e um mais recente” (Coseriu 1980; tradução nossa), um fenómeno que, nos últimos anos, tem sido designado como *layering* (Narrog/Heine 2021: 46). Não é, portanto, de modo algum surpreendente que pelo menos alguns falantes acabem por tirar partido de ambos os *obrigados* — tanto o adjetivo deverbal *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> como a interjeição invariável *obrigado*<sub>INTERJ</sub> — conforme as suas próprias necessidades

<sup>24</sup> Neste contexto, merece destaque o facto de a ausência de concordância em número já se registar ocasionalmente nos usos setecentistas da fórmula longa *ficar-vos obrigado*. Assim, o exemplo (i), de 1606, contrasta nesse aspeto com o exemplo (ii), de 1760, em que *obrigado*, morfologicamente singular, se refere ao substantivo plural *os Judeos* — um fenómeno que, contudo, é certamente facilitado pelo facto de se tratar de uma construção que contém uma oração pequena (*small clause*):

- (i) e logo a rezão de se darem os moradores por tão obrigados a el-Rei Dom Afonso ...  
(Luis de Sousa, *A vida de Frei Bertolameu dos Mártires*, 1606; Corpus do Português)
- (ii) Deraõ-se os Judeos por tão obrigado deste obsequio ...  
(Frei Manoel da Mealhada, *Promptuario historico I*, 1760; Corpus do Português)

situacionais. As seguintes considerações, feitas em 2022 por uma utilizadora de 33 anos no fórum de discussão online *reddit.com*, portuguesa a julgar pelos traços linguísticos dos seus comentários nesta língua, dispensam qualquer explicação adicional.

- (13) Idk [= I don't know] I work with mostly guys (IT) and I say *obrigado* there (I'm a girl), I don't want to remind people that I'm different and that I should be treated differently for my gender, I just wanna blend lol – But I'll likely slip an *obrigada* when I'm around ladies. ([https://www.reddit.com/r/portugal/comments/vjvo99/obrigado\\_vs\\_obrigada/](https://www.reddit.com/r/portugal/comments/vjvo99/obrigado_vs_obrigada/))

A passagem de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> para *obrigado*<sub>INTERJ</sub>, da qual a presente secção apenas pôde traçar as linhas gerais, constitui, a nosso ver, o pré-requisito para qualquer um dos diferentes usos da forma *obrigada* por falantes masculinos. Estes últimos serão abordados nas Secções 4.2 e 4.3.

#### 4.2 Etapa 2: *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> → *obrigado*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> – refuncionalização alocutiva e cortesia verbal

O progressivo enraizamento de *obrigado*<sub>INTERJ</sub> em detrimento de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> conduz a uma situação em que os entornos dos falantes passam a refletir, por um lado, a presença presumivelmente cada vez mais forte de uma forma inovadora e, por outro, o concomitante enfraquecimento contínuo de uma variante antiga, por sua vez progressivamente menos produtiva. Frequentemente, este tipo de coexistência desigual entre variantes resolve-se através do desaparecimento gradual da forma mais antiga. Contudo, esse não parece ser o caso de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ</sub>; o testemunho metalinguístico (13) já demonstrou que a transição de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> para *obrigado*<sub>INTERJ</sub>, pelo menos para uma parte dos falantes, não provoca o esquecimento completo da primeira. Antes, alguns falantes parecem ainda lembrar-se da antiga forma *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub>, sem, no entanto, recorrerem a ela enquanto forma 'normal' nas suas interações comunicativas. Dito de outra forma: os falantes deparam-se com uma entidade puramente material que perdeu a sua 'razão de ser' mas que, ainda assim, continua a subsistir como invólucro libertado da sua carga funcional de outrora. Assim sendo, porém, o antigo *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> tornou-se disponível para assumir novas funções pragmáticas. Atualmente, estas novas funções são ativamente negociadas e reconfiguradas pela comunidade linguística lusa em processos dinâmicos e criativos (*Energeia*). A este respeito, considere-se a anedota relatada por Fernando Venâncio no *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*:

- (14) No «Alfa» para o Porto, o revisor, ar compenetrado mas afável, vem verificar o bilhete. Devolve-lho com um *Muito obrigado*, uma cortesia que só fica bem à empresa. No banco ao lado, segue uma senhora. Ao entregar-lhe o bilhete, o revisor diz: *Muito obrigada*. Um casal mais à frente receberá do revisor um convicto *Muito obrigados*. (Venâncio; 1998; <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/controversias/a-incerteza-em-linha/1045>)

O trecho precedente evidencia que alguns falantes, ao depararem-se com *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ</sub>, lhe atribuem criativamente um novo sentido, uma nova razão de ser: a flexão de género e número, anteriormente utilizada para marcar o género e número do *emissor* ou dos *emissores* (*obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,EMISSOR</sub>), passa a codificar o género e o número do *destinatário* (*obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,DESTINATÁRIO</sub>). Esta refuncionalização lembra fortemente o fenómeno da exaptação (*exaptation*, Gould/Vrba 1982), aplicado à linguística por Lass (1990; veja-se Van de Velde/Norde 2016 para uma visão atualizada): Trata-se de um passo viabilizado precisamente pelo facto de a função do antigo *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,EMISSOR</sub> e, conseqüentemente, a sua posição no sistema linguístico do português, se tornar cada vez mais precária, sem que a entidade material tenha desaparecido da consciência linguística dos falantes.

Os dados seguintes apresentam exemplos concretos adicionais do *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,DESTINATÁRIO</sub>, tanto do Brasil (15 e 16) como de Portugal (17).<sup>25</sup>

- (15) Depois de colocar o dinheiro na mochila, o assaltante continuou a dar instruções à vendedora. Ele pediu que ela entrasse em uma sala, sem reagir. “Muito obrigada”, disse ele, antes de levar mais alguns produtos da loja [...].  
(Brasil; <https://www.idnews.com.br/ladrao-do-mes-assalta-loja-e-acalma-vendedora-sou-profissional/>)
- (16) Acho que é a sua, deixa – sugeriu Lia.  
Obrigada – disse o garoto e seguiu com passos rápidos na direção de Emily  
(Brasil; <https://pt.plusfiction.com/book/82001/chapter/5>)
- (17) Tal profissionalismo levou a que Emanuel a elogiasse. “A Luciana está aqui, põe o colar cervical quando não há câmaras e tira quando entra no ar. És gigante. Obrigada”, disse o cantor em direto.  
(Portugal; <https://www.tv7dias.pt/luciana-abreu-apresentou-o-domingao-de-colar-cervical-na-sic-nao-me-facas-chorar>)

Não é tarefa fácil determinar a difusão de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,DESTINATÁRIO</sub> ilustrado em (15) – (17). Com base na experiência anedótica do próprio autor, parece certo que é significativamente menos comum do que o uso de *obrigado*<sub>INTERJ</sub>, discutido na Secção 4.1. Contudo, também parece haver falantes para quem esta mudança já está plenamente consolidada. Este facto é ilustrado de forma exemplar pelo testemu-

<sup>25</sup> É, naturalmente, possível que esses exemplos já constituam registos de *obrigada*<sub>INTERJ</sub>, discutido na Secção 4.3. No entanto, não nos foi possível encontrar dados que manifestassem inequivocamente a variante *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,DESTINATÁRIO</sub>. As únicas formas inequivocamente identificáveis nesse sentido seriam ocorrências de *obrigados* ou *obrigadas*, flexionadas em função do género e número de um grupo de destinatários (veja-se [14]). Estas, contudo, parecem ser extremamente raras, provavelmente porque a flexão no plural, como discutido anteriormente, já praticamente desapareceu até mesmo na forma canónica *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,EMISSOR</sub>. Ainda assim, a existência da variante *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ,DESTINATÁRIO</sub> pode ser dada como certa, como demonstram os diversos comentários metalinguísticos (veja-se [14], bem como, mais adiante, [18], [19] e [22]).

nho de um turista irlandês em Faro, que relata a seguinte experiência no fórum de discussão online *reddit.com*:

- (18) I'm currently in Faro, PT on holiday and an older lady working at the municipal museum made a point to correct me when I thanked her. Contrary to the Brazilian way as I understand it, she said that the correct gender to be used for “thanks” depends on the gender of the recipient - so I should have said “obrigada” to her because she’s a woman. ([https://www.reddit.com/r/Portuguese/comments/1bi105y/if\\_i\\_say\\_obrigadao\\_to\\_a\\_woman\\_do\\_i\\_say\\_obrigada/](https://www.reddit.com/r/Portuguese/comments/1bi105y/if_i_say_obrigadao_to_a_woman_do_i_say_obrigada/))

O facto de o uso de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.DESTINATÁRIO</sup> estar relativamente bem enraizado na fala de pelo menos alguns falantes é também evidenciado, de forma indireta, pela feroz crítica linguística articulada em diversas páginas da internet. Compare-se, por exemplo, a opinião formulada pela linguísta Ana Salgado, gestora do *Pórtico da Língua Portuguesa*, uma página associada à Academia de Ciências de Lisboa (19), e, em (20), as palavras ainda mais incisivas do linguísta português Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca na página *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* (o qual, no mesmo post, defende, aliás, o uso de *obrigado*<sup>INTERJ</sup>; [11]):

- (19) A concordância é feita com quem expressa o agradecimento, não com a pessoa que o recebe. Se for um agradecimento coletivo, o plural deve ser usado. Se duas pessoas fazem um favor a uma mulher, esta deve responder *obrigada* e não *obrigados*, porque a pessoa que fica grata é a mulher. Já um grupo de homens agradece com *obrigados*. (2018; <https://www.imissio.net/artigos/53/1071/11-de-janeiro-assinala-se-o-dia-internacional-do-obrigado/>)
- (20) Contesto: não é “normal” um homem dizer *obrigada*, é apenas erro disparatado, atribuível talvez a desleixo do uso da sua língua, que é a de todos nós. (Peixoto da Fonseca; 1998; <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/controversias/1---obrigado-obrigada/1046>)

A questão que agora se coloca é por que razão a forma antiga *obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.EMISSOR</sup>, que, num primeiro momento (Secção 4.1), se encontra num processo de substituição por *obrigado*<sup>INTERJ</sup>, não segue o caminho do desaparecimento gradual, tal como se documenta para tantas outras variantes antigas em competição com variantes inovadoras. Para responder a esta questão, é necessário, primeiro, analisar mais de perto a natureza gramatical da mudança, na qual a variante antiga *obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.EMISSOR</sup> é refuncionalizada para marcar o género e o número do destinatário (*obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.DESTINATÁRIO</sup>).

A nova variante *obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.DESTINATÁRIO</sup> constitui um caso claro de criação de uma estrutura alocutiva, termo acunhado por Louis-Lucien Bonaparte (Bonaparte 1862). Como demonstrado por Antonov (2015), tais estruturas, pelo menos enquanto traço sistemático, representam um padrão tipológico muito infrequente nas línguas do mundo. O autor cita, a este respeito, e com foco exclusivo

na alocutividade verbal, o euskera, o pumé (língua isolada falada na Venezuela), o nambikwara (língua isolada falada no Brasil), o mandan (língua siuana falada na América do Norte) e o beja (língua cuxítica falada no Nordeste de África). Em todas estas línguas, as formas verbais, embora de maneira distinta, contêm morfemas que codificam pelo menos o género e, em alguns casos, também o número do destinatário (Antonov 2015: 55; para mais línguas alocutivas e uma análise formalista, veja-se Driemel/Murugesan 2023).

A relativa infrequência tipológica de formas alocutivas (não apenas verbais) reflete-se, pelo que nos é dado observar (e além dos nomes próprios usados como vocativos), também nas línguas românicas. Segundo Renzi (1996: 266 f.), a grande maioria dos dialetos setentrionais italianos apresenta uma diferenciação em função do género do destinatário nos pronomes de cortesia; Simon (2021: 82) ainda observa que, em francês, uma fórmula de cumprimento sem um vocativo alocutivo *Monsieur/Madame* seria inaceitável no trato com desconhecidos em contextos públicos. Do mesmo modo, o português também possui algumas formas alocutivas que codificam informação sobre o género e/ou o número do destinatário. Trata-se dos pronomes pessoais de cortesia de origem substantival (*o senhor, a senhora*) e, particularmente, da forma de tratamento respeitosa na terceira pessoa, como em *A Ana/O João quer comer?*, amplamente usada em Portugal.<sup>26</sup>

Parece-nos muito provável que a existência das estruturas alocutivas portuguesas mencionadas nas linhas precedentes tenha contribuído para a refuncionalização alocutiva da morfologia flexional em *obrigado(s)/obrigada(s)*, ou seja, para a emergência de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub>. Acrescente-se, além disso, o facto não trivial de que essa refuncionalização é bifacetada: por um lado, rompe com um padrão anterior (codificação gramatical do género e do número do *emissor*), mas, por outro, preserva-se, no sentido de *persistence* (Narrog/Heine 2021: 46), um traço já presente na variante antiga, nomeadamente a codificação do género e do número de *alguém*:

$$(21) \underbrace{\text{obrigado(s)/obrigada(s)}_{\text{ADJ}}}_{\text{padrão}} \rightarrow \underbrace{\text{obrigado(s)/obrigada(s)}_{\text{ADJ}}}_{\text{alocutivo}}$$

$$[\text{género}] + [\text{número}] + [\text{emissor}] \rightarrow [\text{género}] + [\text{número}] + [\text{destinatário}]$$

A *persistence* esboçada em (21) e o facto de o português possuir algumas outras formas alocutivas mostram que a refuncionalização alocutiva em *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> por parte de alguns falantes de português, afinal de contas, não ocorre num total descolamento do sistema linguístico. Compare-se, a este respeito, também as seguintes palavras de Fernando Venâncio no *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*:

<sup>26</sup> Agradecemos a Paul O'Neill pela importante observação relativo a este último fenómeno. Talvez um fenómeno até certo ponto comparável seja o dativo de solidariedade *che* do galego, embora não flexione em género e seja sempre interpretado como singular.

- (22) Cedo ou tarde, a originalíssima fixação no sexo haveria de levar algum falante mais atencioso a este extremo de delicadeza: orientar-se pelo sexo do outro.  
(Venâncio; 1998; <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/controversias/a-incerteza-em-linha/1045>)

Tanto o julgamento de Venâncio em (22) como as breves considerações sobre a alocutividade acima contêm, a nosso ver, a última peça necessária para explicar a refuncionalização alocutiva em *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub>. Ambos mostram que esta refuncionalização não é apenas possível (libertação de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> da sua carga funcional devido à gênese de *obrigado*<sub>INTERJ</sub> + existência de outras formas alocutivas na língua portuguesa), mas também *funcionalmente benéfica*: a Secção 2, além da necessidade inerente de renovação contínua das fórmulas de agradecimento, demonstrou que o agradecimento, apesar de ser um ato de fala cortês, também pode acarretar uma ameaça à face negativa do destinatário (redução da liberdade em relação a imposições e, conseqüentemente, possível diminuição do respeito pelas fronteiras pessoais do interlocutor). Ora, a verbalização de um ato de agradecimento através de *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> mitiga precisamente essa ameaça: o *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> alocutivo reconhece formalmente a autonomia identitária diferenciada do outro (género e número). E esse movimento conversacional, ‘taticamente inteligente’, *amplia* a face negativa do interlocutor, ameaçada pelo mero ato de agradecer, e assim atenua o ‘perigo conversacional’ criado pelo agradecimento.

À luz das considerações anteriores, parece-nos justificado posicionarmo-nos a favor da hipótese de que a refuncionalização alocutiva em *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> feita por alguns falantes num ato criativo, nada mais é do que uma *estratégia de cortesia verbal*, a qual, como bem se sabe, desempenha um papel fundamental em português (Carreira 2005). Essa perspetiva encontra respaldo tipológico, uma vez que se tem demonstrado uma ligação muito estreita entre a alocutividade e a cortesia (Antonov 2015). Além disso, manifesta-se, uma vez mais, em considerações metalinguísticas. Compare-se, a este respeito, não apenas (22) (“falante mais atencioso a este extremo de delicadeza”), mas também o breve comentário de Simon (2021: 82; tradução nossa):<sup>27</sup>

- (23) Interessantemente, pode observar-se atualmente em Portugal — sobretudo em contextos públicos, mas ainda assim coloquiais — que os falantes, por vezes, utilizam precisamente a forma que não corresponde à sua identidade de género. [...] Nessas situações, optam ocasionalmente pela forma “errada” quando querem ser corteses [...].<sup>28</sup>  
(Simon 2021: 82)

<sup>27</sup> Na seguinte Secção 4.3, apresentar-se-ão mais testemunhos metalinguísticos com o teor de (22) e (23). Importa lembrar que nem sempre é possível distinguir entre *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> alocutivo, tratado na presente secção, e *obrigada*<sub>INTERJ</sub>, discutido mais adiante (cf. nota de rodapé 25).

<sup>28</sup> Simon relaciona esta tendência com uma insegurança linguística por parte dos falantes, a qual, por sua vez, se explicaria pela redução das vogais átonas no português europeu. A nosso ver, contudo, esta explicação não é convincente: em primeiro lugar, /a/ (*obrigada*) é a vogal átona mais estável no português europeu; em segundo lugar, os exemplos (15) e (16) demonstram que *obrigado(s)/obri-*

Enquanto estratégia de cortesia que codifica formalmente a “consciência da existência do outro” por parte do falante (Tietgens 1970: 98; tradução nossa), *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> é também uma manifestação por excelência da *alteridade* universal da linguagem humana. Compreendida esta última no sentido coseriano do termo, a variante alocutiva em questão evidencia de forma particularmente acentuada “o facto de que cada ato linguístico é realizado por um sujeito linguístico e dirigido a outro sujeito” (Coseriu 1975: 154; tradução nossa). Enquanto sujeitos falantes, estamos sempre perante o desejo e a necessidade de falar ‘como o outro’, mas também ‘para o outro’. É precisamente neste ponto que o *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> (flexionado em função do género e número do destinatário!) se revela particularmente instrutivo: ilustra, a nosso ver, que as duas necessidades acima mencionadas “até podem entrar em contradição entre si”, nomeadamente quando “a solidariedade com a tradição (*como o outro*) [...] é suspensa em favor da solidariedade com o interlocutor para quem se fala [...]” (Schlieben-Lange 1998: 43; tradução nossa): *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> é, presumivelmente, ainda uma variante minoritária para a maioria dos falantes de português e, desse modo, reduz o ‘falar como o outro’ — sem, no entanto, o eliminar completamente (“falamos como os outros, mas nunca de forma totalmente idêntica”; Schlieben-Lange 1998: 42; tradução nossa). Ao mesmo tempo, porém, o seu carácter distintivo também faz com que *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> ganhe relevo nas interações comunicativas. E essa proeminência do ‘insólito’, por sua vez, em conjugação com a alocutividade gramatical enquanto tal e a cortesia daí resultante, contribui, em última instância, para que *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> também se constitua como testemunho excepcional do ‘falar para o outro’. É, portanto, correto afirmar que os falantes “sometimes [...] also want their utterance to be imaginative and vivid — they want to be little ‘extravagant poets’ in order to be noticed” (Haspelmath 1999: 1057), mas isso, muitas vezes, não é tudo.

#### 4.3 Etapa 3: *Obrigada*<sub>INTERJ</sub> – generalização da cortesia, distância comunicativa moderada

Com as análises apresentadas nas Secções 4.1 e 4.2, torna-se agora possível analisar qual a força motriz subjacente ao exemplo oferecido na introdução deste artigo, em que um mendigo masculino utiliza *obrigada* numa conversa com o autor, igualmente do sexo masculino: O que ocorre, a nosso ver, é um caso de expansão contextual (*context extension*, Narrog/Heine 2021: 45) de *obrigada*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> alocutivo descrito na Secção 4.2. Retomemos brevemente os pontos centrais deste último: o padrão alocutivo possibilita o uso da forma morfológicamente feminina *obrigada* por homens, desde que o agradecimento seja dirigido a uma mulher. Propusemos que a razão para esta refuncionalização alocutiva da morfologia flexional de *obrigada*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> reside no efei-

---

*gada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> também existe no português brasileiro, variedade em que a redução vocálica em sílabas átonas é significativamente menos marcada.

to de cortesia que dela resulta. Ora, através da expansão contextual que ocorre nos usos de *obrigada* em conversas entre homens, estes últimos valem-se desse efeito de cortesia e tiram proveito dele — ou, por outras palavras, recorrem estrategicamente à forma morfológicamente feminina também em contextos onde o destinatário já não é uma mulher, mas um homem. O equivalente masculino de *obrigada*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub>, ou seja, um *obrigado*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> cuja flexão indica o género masculino do interlocutor, encontra-se bloqueado para essa função de cortesia. Isto deve-se, naturalmente, ao fenómeno de *layering*, mais concretamente à coexistência do *obrigado*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> (Secção 4.2) com o *obrigado*<sub>INTERJ</sub> homófono (Secção 4.1).

É evidente que o facto de *obrigada* passar a ser utilizado como forma de cortesia também entre homens conduz, inevitavelmente, à perda da sua força alocutiva enquanto marcador de género (e número) do destinatário. Por outras palavras, o uso de *obrigada* entre homens representa, mais uma vez, a consolidação de uma interjeição invariável — daqui em diante *obrigada*<sub>INTERJ</sub>.

$$(24) \underbrace{obrigado(s)/obrigada(s)}_{ADJ.DESTINATÁRIO} + [cortesia] \rightarrow [cortesia]_{INTERJ}$$

O seguinte diálogo teve lugar entre o autor (A), do sexo masculino, e o gerente (G) de uma cafetaria em Sines (Alentejo Litoral, Portugal), no dia 8 de outubro de 2024. Para além de conter mais um exemplo do uso de *obrigada*<sub>INTERJ</sub> entre homens, ilustra também como este encontra um lugar legítimo numa interação em que os ajustes de cortesia verbal desempenham um papel central (compare-se “Queres/quer uma palha, um copo?”):

- (25) A: A máquina de café já tá limpa?  
 G: Já, já não (desculpa?)  
 A: Dê-me só um Compal de .../ manga laranja  
 G: Manga laranja ... um manga laranja  
 A: Depois do exercício...  
 G: Sabe bem, não é?  
 A: É ...  
 G: Queres/ quer uma palha, um copo?  
 A: Tá bem assim!  
 G: Assim? É para levar?  
 A: É para levar.  
 G: Um e quarenta.  
 A: Obrigado.  
 G: Toma ... obrigada.  
 A: Bom descanso.  
 Diálogo entre o autor (A) e o gerente (G) de uma cafetaria, Sines, Portugal, 08.10.24

A nossa interpretação de que o uso de *obrigada*<sub>INTERJ</sub> entre homens resulta de uma expansão contextual da cortesia inerente ao *obrigada*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> alocutivo descrito na Secção 4.2 é também sustentada por observações metalinguísticas. Compare-se, a esse

respeito, o seguinte juízo, ainda que não totalmente inequívoco,<sup>29</sup> do jornalista e linguista brasileiro Wilton Fonseca no *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*:

- (26) O “obrigado” é dos problemas mais frequentes dos falantes do português. Como as pessoas sentem que há ali terreno movediço, recorrem com frequência à hipercorreção: é assim que vemos homens a dizer «obrigada», julgando que estão a ser muito bem educadinhos. Fonseca (2013; <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/obrigadinho/2671>)

Os dois exemplos alentejanos apresentados até agora constituem apenas duas de catorze ocorrências ouvidas pelo autor ao longo do último ano em várias regiões de Portugal, bem como no Brasil e em Angola. Antes de analisar estes e outros exemplos provenientes de diferentes fontes, importa, no entanto, formular algumas considerações teóricas adicionais.

Tem-se defendido, até aqui, que tanto o *obrigada*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> alocutivo dirigido a mulheres (Secção 4.2) como o *obrigada*<sub>INTERJ</sub> entre homens, objeto da presente secção, constituem padrões de cortesia verbal. Enquanto padrões cortesês, ocorrem, segundo Simon (2021: 82) e como já referido em (23), “sobretudo em contextos públicos, mas ainda assim coloquiais”. Esta avaliação coincide com as perceções do autor sobre o fenómeno e parece sugerir que o *obrigada*<sub>INTERJ</sub> entre homens (bem como *obrigada*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub>) são formas que, no *continuum* entre o imediato e a distância comunicativa de Koch e Oesterreicher (Koch/ Oesterreicher 1985), tendem a aproximar-se do polo da distância, sem, no entanto, atingir o seu extremo. Sem a possibilidade de desenvolver aqui uma análise mais aprofundada, parece-nos que a explicação mais plausível para esta posição varietal reside no facto de a distância comunicativa extrema, sujeita ao maior grau de pressão prescritiva, continuar a ser ocupada pela variante conservadora *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.EMISSOR</sub> (Secção 3).

A hipótese de *obrigada*<sub>INTERJ</sub> entre homens (e, também, *obrigado(s)/obrigada(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub>) estarem ancorados num nível de distância comunicativa moderada é corroborada por uma série de experiências adicionais vividas pelo autor: Num dos primeiros atendimentos num talho em Portugal, onde agora é cliente regular, o autor foi inicialmente agradecido pelo proprietário masculino com *obrigada*. Com o tempo, porém, e à medida que a relação entre ambos se tornou mais familiar, o proprietário passou a utilizar sistematicamente *obrigado*. Uma situação comparável foi observada pelo autor num supermercado, entre um cliente e um funcionário, ambos homens, que aparentemente se conheciam de forma casual. Depois de um breve diálogo cortês, marcado por uma distância moderada entre os dois, junto a uma prateleira, a interação terminou com um *obrigada* proferido pelo funcionário. Porém, em vez de se despedir diretamente, o cliente fez um comentário jocoso, deu uma “palmada amigável” no ombro do funcionário e convidou-o a visitá-lo. A resposta do funcionário — possivelmente em

<sup>29</sup> Não se pode excluir a possibilidade de que o autor esteja aqui a referir-se ao *obrigada*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> alocutivo descrito na Secção 4.2, e não ao *obrigada*<sub>INTERJ</sub> de cortesia; compare-se também com as notas de rodapé 25 e 27.

função da mudança de tom para um contexto mais pessoal e, conseqüentemente, de uma aproximação às dinâmicas linguísticas da imediatez comunicativa — foi *obrigado*.

Um último exemplo, igualmente proveniente de um contexto comercial, encontra-se na fotografia seguinte (Fig. 4), tirada num armazém de materiais de construção em Portugal, onde um cartaz exhibe a seguinte mensagem:

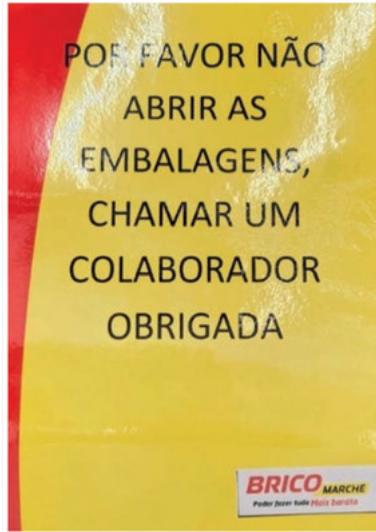


Fig.4: Cartaz num armazém de materiais de construção em Portugal (fotografia do autor)

É evidente que não se pode excluir completamente a possibilidade de que a forma feminina *obrigada* represente aqui um uso conservador de *obrigada*<sub>ADJ.EMISSION</sub> (Secção 3). Nesse caso, o emissor seria ou a gerência ou, eventualmente, uma funcionária responsável pela criação do cartaz. No entanto, contra essa hipótese joga não apenas o uso do masculino genérico *colaborador* no mesmo cartaz, mas também a evidência fornecida pela Fotografia 5 (Fig. 5), captada no mesmo armazém de materiais de construção, no mesmo dia.

Com base na comparação entre ambas as fotografias, consideramos possível a hipótese de que a primeira (Fig. 4) tenha sido criada no próprio armazém, enquanto a segunda (Fig. 5) — dada a sua natureza eletrónica — tenha sido concebida em outra localidade pela gerência da cadeia, o que lhe conferiria uma maior visibilidade pública, bem como uma maior distância física entre o local de criação e o de exibição. Se esta interpretação estivesse correta, seria precisamente dessa diferença que resultaria a variação na fórmula de agradecimento: a Fotografia 5 refletiria uma distância comunicativa elevada (*obrigado*<sub>ADJ.EMISSION</sub>, flexionado em função de um género e número default do *emissor*; Secção 3), ao passo que a Fotografia 4 (*obrigada*<sub>INTERJ</sub>) representaria uma dis-



**Fig.5:** Ecrã eletrónico numa caixa registadora de um armazém de materiais de construção em Portugal (fotografia do autor)

tância comunicativa moderada, no sentido dos “contextos públicos, mas ainda assim coloquiais” de Simon (2021: 82).

Para a interpretação de uma distância comunicativa moderada de *obrigada*<sub>INTERJ</sub>, contribui também um número significativo de ocorrências desta forma em textos jornalísticos, tanto de Portugal (27–28) como do Brasil (29), incluindo, em alguns casos, traduções para o português. Igualmente relevante — embora, nesta fase da investigação, careça ainda de confirmação por parte de mais falantes — é a ocorrência de um comentário metalinguístico explícito de uma falante feminina, claramente portuguesa, a julgar pelos seus comentários nesta língua, no fórum de discussão *reddit.com* (30):

- (27) À saída do hospital universitário Quirón, nos arredores de Madrid, o monarca espanhol, que na passada terça-feira foi submetido a uma intervenção cirúrgica à anca, mostrou-se bem disposto.

“Estou muito bem. Estupendamente, obrigada!”, disse o rei Juan Carlos.

(<https://www.jn.pt/pessoas/in/rei-juan-carlos-diz-estar-muito-bem-apos-operacao-3452149.html/amp/>)

- (28) Espanhol que recebeu transplante de cara teve alta hospitalar.

“Sinto felicidade e alegria. Obrigada”, disse o doente [Rafael], que estava ladeado pela mãe e a irmã, agradecendo à equipa médica e aos familiares do doador”

(<https://sicnoticias.pt/vida/2010-05-05-espanhol-que-recebeu-transplante-de-cara-teve-alta-hospitalar>)

(29) **Bombeiros vibram e se emocionam com resgate de vítima de queda de prédios no Rio de Janeiro.**

Após o salvamento, os bombeiros se emocionaram e celebraram o resgate com gritos e abraços. O bombeiro identificado como Ricardo comemorou de braços abertos e punhos cerrados. Depois, em entrevista ele disse “Obrigada Meu Deus, obrigada”.

(<https://www.aplateia.com.br/2019/04/12/bombeiros-vibram-e-se-emocionam-com-resgate-de-vitima-de-queda-de-predios-no-rio-de-janeiro/>)

(30) What other commenters are saying is right, but I’ve found that everyone I know says either the female or male version of “obrigado” based not on the gender of the person they’re thanking [= *obrigado(s)/obrigada(s)*<sup>ADJ.DESTINATÁRIO</sup>; Secção 4.2; autor], but how formal it’s supposed to be. Basically, obrigado = informal, and as a woman I do feel more comfortable saying this, and obrigada [= *obrigada*<sup>INTERJ</sup>; Secção 4.3; autor], = formal, when you’re talking [= distância comunicativa moderada; not “writing”; DPG] to a professor, doctor, old person, etc. I usually follow this [...], and my male friends do the same [...].  
([https://www.reddit.com/r/portugal/comments/vjvo99/obrigado\\_vs\\_obrigada/](https://www.reddit.com/r/portugal/comments/vjvo99/obrigado_vs_obrigada/))

A gênese de *obrigada*<sup>ADJ.DESTINATÁRIO</sup>, que resulta na emergência de *obrigada*<sup>INTERJ</sup>, e a consequente reinterpretção completa da morfologia flexional feminina com fins de cortesia verbal constituem um fenómeno altamente insólito, não apenas no contexto das línguas românicas,<sup>30</sup> mas também de uma perspectiva tipológica mais ampla. Como demonstrado por Aikhenvald (2016; 2019: 99-119) e Simon (2021), o uso de formas gramaticalmente femininas para referir-se a homens não é incomum nas línguas do mundo, mas tende sobretudo a produzir efeitos jocosos, derisórios ou diminutivos. Casos em que tais usos conduzam a uma aproximação ou a uma expressão de afeto e carinho são extremamente raros. Ocorrências deste tipo estão documentadas, por exemplo, no amárico urbano, no árabe falado por tunisinos urbanitas e francófilos e em variedades inovadoras do norueguês. No entanto, mesmo nestes casos, não se trata propriamente de fenómenos clássicos de cortesia linguística.

## 5. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS

O ato de fala de agradecer é delicado, tanto na sua realização formal quanto nas condições do seu uso, variando entre culturas e, portanto, também línguas, e estando mesmo ausente em algumas. Onde existe, apresenta variação e instabilidade diacrónica na sua manifestação formal. Este artigo demonstrou que o português não foge a essa dinâmica, sendo

<sup>30</sup> Um caso ilustrativo é o pronome de tratamento formal italiano *Lei*, generalizado para todos os géneros e homófono ao pronome pessoal feminino da terceira pessoa do singular. No entanto, ao contrário de *obrigada*<sup>INTERJ</sup>, a sua utilização generalizada atual explica-se, do ponto de vista diacrónico, através de uma retomada anafórica de sintagmas nominais lexicais do tipo *la magnificenza vostra* (Renzi 1996: 263). O pronome de tratamento formal alemão *Sie*, homófono ao pronome pessoal feminino da terceira pessoa do singular e ao pronome da terceira pessoa plural, representa um caso semelhante (Nübling/Dammel/Duke/Szczepaniak 2010: 161-166).

particularmente ilustrativo o caso de *obrigado*: Surgida apenas no início do século XIX como fórmula de agradecimento holofrástica, evoluiu para apresentar, atualmente, quatro variantes distintas, abordadas neste estudo. O esquema seguinte sintetiza e recapitula essas variantes, bem como as modulações pragmáticas subtis que parecem possibilitar:

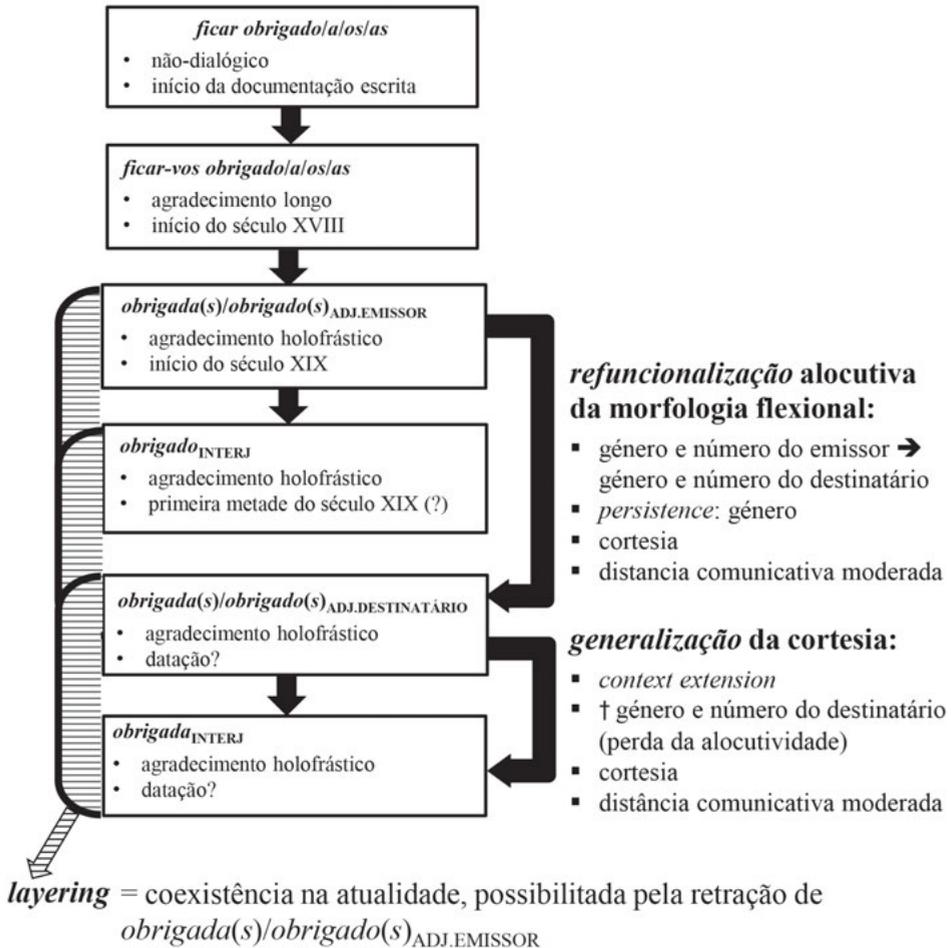


Fig. 6: Esboço da evolução diacrônica das fórmulas de agradecimento baseadas em *obrigado*

Dado que este artigo trabalhou apenas com exemplos ouvidos pelo próprio autor em várias regiões do mundo lusófono, bem como com exemplos e comentários metalinguísticos extraídos da internet, o esquema no Gráfico 6 deve ser entendido apenas como primeira tentativa de aproximação aos atuais usos coexistentes (*layered*) das fórmulas de agradecimento portuguesas baseadas em *obrigado*. Isto diz respeito, em particular, às condições exatas de emprego das duas últimas variantes *obrigada(s)/obri-*

*gado(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> e *obrigada*<sub>INTERJ</sub>, tanto no que se refere à sua frequência de uso como à sua distribuição diatópica, diastrática e diafásica. Por consequência, é imperativo que as hipóteses aqui formuladas venham a ser verificadas através de estudos mais sistemáticos. Poder-se-ia — e dever-se-ia —, num primeiro momento, procurar estabelecer a frequência e as condições diatópicas, diastráticas e diafásicas de uso, sobretudo das duas últimas variantes — *obrigada(s)/obrigado(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> e *obrigada*<sub>INTERJ</sub> —, através de análises de corpus. Porém, para estes fins, parecem-nos mais promissoras as experiências de percepção, cuja conceção detalhada exigirá, no entanto, uma preparação cuidadosa. Seriam concebíveis, por exemplo, experiências exclusivamente auditivas, que evitassem tanto quanto possível um viés de natureza prescritiva e que incluíssem não só a variante feminina *obrigada* utilizada por homens, como também outros usos não-padrão sem qualquer relação direta com as fórmulas de agradecimento. Após a audição, os participantes poderiam ser inquiridos sobre as gravações escutadas, com o objetivo de determinar quais os falantes que efetivamente detetam as formas *obrigada(s)/obrigado(s)*<sub>ADJ.DESTINATÁRIO</sub> e *obrigada*<sub>INTERJ</sub> — e, em caso afirmativo, em que ordem as mencionam em relação aos demais fenómenos não-padrão apresentados. A partir dos resultados obtidos nestes testes de percepção seria eventualmente possível tirar conclusões mais sólidas sobre a distribuição diatópica e diastrática das variantes em questão. Além disso, um design deste tipo permitiria também manipular variáveis diafásicas, que — segundo a hipótese proposta no presente artigo — poderão desempenhar um papel relevante no uso dessas formas. Finalmente, estudos baseados em leitura segmentada (*self-paced reading*) poderiam igualmente constituir uma via promissora para averiguar quais os falantes do português que ‘tropeçam’ na forma *obrigada* utilizada por homens e quais os que a aceitam com maior facilidade.

Para concluir este artigo, importa mencionar — ainda que de forma apenas muito sintética — que as quatro variantes de *obrigado* discutidas ao longo do texto não representam, de modo algum, os únicos fenómenos existentes no domínio das fórmulas de agradecimento em português que merecem ser estudados de forma mais pormenorizada. Existem, por exemplo, dados disponíveis na internet que sugerem que *obrigada*<sub>INTERJ</sub> não constitui o ponto final da evolução das expressões de agradecimento portuguesas baseadas em *obrigado*. Compare-se, neste contexto, os seguintes exemplos, atestáveis tanto em textos jornalísticos brasileiros como portugueses — ou seja, novamente num contexto de distância comunicativa moderada —, nos quais *obrigada* funciona como substantivo masculino (género que, neste caso, se justifica pelo uso metalinguístico):

(31) Em nome do Simão, o nosso muito obrigada!

(Portugal; <https://www.inem.pt/2018/08/30/obrigado-inem-em-nome-do-simao-o-nosso-muito-obrigada/>)

(32) A esses heróis nosso muito obrigada”, disse o prefeito que ainda falou da preocupação em melhorar a qualidade de vida dos servidores!

(Brasil; <https://www.varginha.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/6978/cafe-em-homenagem-do-dia-do-gari>)

Ao mesmo tempo, porém, também é igualmente possível encontrar na internet testemunhos metalinguísticos que sugerem uma retração das fórmulas de agradecimento baseadas em *obrigado* entre os falantes mais jovens do português do Brasil, os quais parecem restringir o seu uso a contextos de maior distância comunicativa:

- (33) No Brasil o “grato” está voltando e essa semana alguém me agradeceu dizendo apenas “gratidão”. Já os jovens usam com outros jovens a novíssima palavra usada como agradecimento “valeu!” Que de tão comum usar *obrigado* está se tornando estranho por aqui, a não ser em conversas formais.  
(<https://certaspalavras.pt/qual-e-a-origem-de-obrigado/>)

Como muito acertadamente assinalado por um dos revisores, a lista iniciada com os exemplos (31) – (33) poderia, sem dúvida, ser alargada com outros fenómenos. Poder-se-ia, por exemplo, investigar em que medida a fórmula de agradecimento abreviada e coloquial *brigado/brigada* (cf. Secção 1) — e a sua sobreposição formal, no caso feminino, com o substantivo *brigada*, etimologicamente não-relacionado — desempenha um papel na génese e na possível expansão de *obrigada(s)/obrigado(s)*<sup>ADJ.DESTINATÁRIO</sup> e *obrigada*<sup>INTERJ</sup>; e se — e, em caso afirmativo, em que medida — a neutralidade de género e número da forma aumentativa *brigadão* (cf. Secção 1) exerce um efeito catalisador nos processos de neutralização representados no Gráfico 6.<sup>31</sup> Todas estas observações, contudo, são aqui deixadas apenas como sugestões a explorar. Espera-se que o presente estudo constitua um estímulo para uma investigação mais aprofundada destes e de muitos outros processos de mudança atualmente em curso no domínio das expressões de agradecimento em português. Trata-se, como aqui se reitera, de um campo ainda pouco explorado, mas com elevado potencial para novas investigações — das quais as variantes *obrigada(s)/obrigado(s)*<sup>ADJ.DESTINATÁRIO</sup> e *obrigada*<sup>INTERJ</sup>, abordadas neste artigo de forma exploratória e com base numa metodologia certamente passível de crítica, representam apenas uma pequena parte.

## BIBLIOGRAFIA

- AIJMER, Karin (1996): *Conversational Routines in English: Convention and Creativity*. London: Longman.
- AIKHENVALD, Alexandra (2016): *How Gender Shapes the World*. Oxford: Oxford University Press.
- (2019): “Endearment, Respect, and Disdain Through Linguistic Gender.” Em: *ReVEL*, 17, 16, pp. 1-22.
- ANTONOV, Anton (2015): “Verbal Allocutivity in a Crosslinguistic Perspective.” Em: *Linguistic Typology*, 19, 1, pp. 55-85.

<sup>31</sup> Outro tema potencialmente interessante seria o de uma eventual expansão de uso de *obrigado/a* no galego contemporâneo como interferência distintiva (alem. *Unterscheidungsinterferenz*; Kabatek 1997), em detrimento de *grazas/gracias*, cognatas do espanhol *gracias* (compare-se também Gerards 2022).

- APPADURAI, Arjun (1985): "Gratitude as a Social Mode in South India." Em: *Ethos*, 13, pp. 236-245.
- APTE, Mahadev A. (1974): "'Thank You' and South Asian Languages: A Comparative Sociolinguistic Study." Em: *Linguistics*, 12, pp. 67-89.
- ASTON, Guy (1995): "Say 'thank you': Some Pragmatic Constraints in Conversational Closing." Em: *Applied Linguistics*, 16, 1, pp. 57-86.
- AUSTIN, John L. (1962): *How to Do Things with Words*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- BARDOVI-HARLIG, Kathleen/ROSE, Marda/NICKELS, Edelmira L. (2008): "The Use of Conventional Expressions of Thanking, Apologizing, and Refusing." Em: Bowles, Melissa *et al.* (eds.): *Selected Proceedings of the 2007 Second Language Research Forum*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 113-130.
- BONAPARTE, Louis-Lucien (1862): *Lingue basque et langues finnoises*. London: Strangeways & Walden.
- BOSWIJK, Vincent/COLER, Matt (2020): "What is Saliency?" Em: *Open Linguistics*, 6, pp. 713-722.
- BRINTON, Laurel J. (2021): "Responding to Thanks. From 'You're Welcome' to 'You Bet'." Em: *Journal of Historical Pragmatics*, 22, 2, pp. 180-201.
- BROWN, Penelope/LEVINSON, Stephen (1987 [1978]): *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge. Cambridge University Press.
- CARO, Daniela/ZULUAGA, Juan F. (2024): "Consideraciones dialectológicas sobre expresiones para dar agradecimiento del habla del Valle de Aburrá y su inclusión en la enseñanza-aprendizaje del ELA." Em: *Lenguaje*, 52(2S), e20313560.
- CARREIRA, Maria Helena A. (2005): "Politeness in Portugal: How to Address Others." Em: Hickey, Leo/Stewart, Miranda (eds.): *Politeness in Europe*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 306-316.
- CHENG, Stephanie W. (2005): *An Exploratory Cross-Sectional Study of Inter-Language Pragmatic Development of Expressions of Gratitude by Chinese Learners of English*. Tese de doutoramento, University of Iowa.
- COSERIU, Eugenio (1975 [1974]): "Die sprachlichen (und die anderen) Universalien." Em: Schlieben-Lange, Brigitte (ed.): *Sprachtheorie*. Hamburg: Hoffmann und Campe, pp. 127-161.
- (1980): "Vom Primat der Geschichte." Em: *Sprachwissenschaft*, 5, 2, pp. 125-145.
- COULMAS, Florian (1981): "Poison to Your Soul" Thanks and Apologies Contrastively Viewed." Em: Coulmas, Florian (ed.): *Conversational Routine: Explorations in Standardized Communication Situations and Prepatterned Speech*. The Hague: Mouton, pp. 69-91.
- CUI, Xuebo (2012): "A Cross-Linguistic Study on Expressions of Gratitude by Native and Non-Native English Speakers." Em: *The Journal of Language Teaching and Research*, 3, 4, pp. 753-760.
- DÍAZ PÉREZ, Francisco J. (2004): "The Speech Act of Thanking in English. Differences between Native and Non-Native Speakers' Behaviour." Em: *ES: Revista de Filología Inglesa*, 26, pp. 91-102.
- DRIEMEL, Imke/MURUGESAN. Gurujegan (2023): "Gender and Allocutivity." Em: *Proceedings of Formal Approaches to South Asian Languages*, 12. University of Konstanz
- DUMITRESCU, Domnița (2005): "Una comparación entre la competencia pragmática de los estudiantes nativos y no nativos del español en California, Estados Unidos." Em: Murillo Medrano, Jorge (ed.): *Actas del Segundo Coloquio del Programa EDICE: Actos de habla y cortesía en distintas variedades del español: Perspectivas teóricas y metodológicas*. San José: Universidad de Costa Rica, pp. 375-406.

- EISENSTEIN, Miriam/BODMANN, Jean W. (1986): “‘I Very Appreciate’: Expressions of Gratitude by Native and Nonnative Speakers of American English.” Em: *Applied Linguistics*, 7, pp. 167-185.
- EISENSTEIN, Miriam/BODMANN, Jean W. (1993): “Expressing Gratitude in American English.” Em: Kasper, Gabriele/Blum-Kulka, Shoshana (eds.): *Interlanguage Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 64-81.
- FLOYD, Simeon/ROSSI, Giovanni/BARANOVA, Julija/BLYTHE, Joe/DINGEMANSE, Mark/KENDRICK, Kolin H./ENFIELD, Nick J. (2018): “Universals and Cultural Diversity in the Expression of Gratitude.” Em: *Royal Society Open Science*, 5, 5, pp. 1-9.
- FUNKE, Nina (2020): “Pragmatic Nativisation of Thanking in South Asian Englishes.” Em: *World Englishes*, 41, pp. 136-150.
- GERARDS, David P. (2022): “O infinitivo conjugado galego: signo indexical e ato identitário.” Em: Meisnitzer, Benjamin/Hendrich, Yvonne (eds.): *Sprache und Identität im lusophonen Raum*. Stuttgart: ibidem, pp. 117-138.
- GERARDS, David P./KABATEK, Johannes (2018): “Grammaticalization and Discourse Traditions: The Case of Portuguese *caso*.” Em: Loureda Lamas, Óscar/Pons Bordería, Salvador (eds.): *Beyond Grammaticalization and Discourse Markers: New Issues in the Study of Language Change*. Leiden/Boston: Brill, pp. 115-159.
- GHEZZI, Chiara (2015): “Thanking Formulae. The Role of Language Contact in the Diachrony of Italian.” Em: Consani, Carlo (ed.): *Contatto interlinguistico fra presente e passato*. Milano: LED, pp. 315-343.
- GKOUMA, Athanasia/ANDRIA, Maria/BELLA, Spyridoula (2023): “Gratitude for Compliance: A Developmental Study on the Speech Act of Thanking.” Em: *Lingua*, 283, pp. 1-24.
- GOULD, Stephen/VRBA, Elisabeth (1982): “Exaptation – A Missing Term in the Science of Form.” Em: *Paleobiology*, 8, 1, pp. 4-15.
- GUT, Ulrike/UNUABONAH, Foluke O. (2024): “Expressing Gratitude in Nigerian English.” Em: *English World-Wide*, 45, 3, pp. 255-282.
- HARRIS BOND, Michael/ZEGARAC, Vladimir/SPENCER-OATEY, Helen (2000): “Culture as an Explanatory Variable: Problems and Possibilities.” Em: Spencer-Oatey, Helen (ed.): *Culturally Speaking: Managing Rapport through Talk Across Cultures*. London: Continuum, pp. 47-76.
- HASELOW, Alexander (2024): “Politeness, Speech Acts, and Socio-Cultural Change. The Expression of Gratitude in the History of English.” Em: *Journal of Historical Pragmatics*, 25, 3, pp. 419-449
- HASPELMATH, Martin (1999): “Why Grammaticalization is Irreversible.” Em: *Linguistics*, 37, 6, pp. 143-168.
- HAVERKATE, Henk (1993): “Acerca de los actos de habla expresivos y comisivos en español”. Em: Haverkate, Henk/Hengeveld, Kees/Mulder, Gijs (eds.): *Aproximaciones pragmalingüísticas al español*. Amsterdam: Rodopi, pp. 149-180.
- HELD, Gudrun (1996): “Two Polite Speech Acts in Contrastive View: Aspects of the Realization of Requesting and Thanking in French and Italian.” Em: Hellinger, Marlis/Ammon, Ulrich (eds.): *Contrastive Sociolinguistics*. Berlin: De Gruyter, pp. 363-384.
- HESABI, Akbar/AZIMA, Mina (2015): “Speech Act of Thanking: a Contrastive Analysis Among Iranian EFL Learners in Terms of Gender and Level of Proficiency.” Em: *International Letters of Social and Humanistic Sciences*, 59, pp. 76-84.
- HICKEY, Leo (2005): “Politeness in Spain: Thanks but no Thanks.” Em: Hickey, Leo/Stewart, Miranda (eds.): *Politeness in Europe*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 317-330.
- HINKEL, Eli (1994): “Pragmatics of Interaction: Expressing Thanks in a Second Language.” Em: *Applied Language Learning*, 5, pp. 73-91.

- HYMES, Dell (1972): "On Communicative Competence." Em: *Sociolinguistics. Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293.
- JAUTZ, Sabine (2013): *Thanking Formulae in English: Explorations Across Varieties and Genres*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- JOHANSEN, Stine H. (2008): *A Comparative Study of Gratitude Expressions in Norwegian and English from an Interlanguage Pragmatic and Second Language Acquisition Research Perspective*. Tese de doutoramento, Universidade de Oslo.
- KABATEK, Johannes (1996): *Die Sprecher als Linguisten. Interferenz- und Sprachwandelphänomene dargestellt am Galicischen der Gegenwart*. Tübingen: Niemeyer.
- (1997): "Zur Typologie sprachlicher Interferenzen." Em: Moelleken, Wolfgang/Weber, Peter (eds.): *Neuere Forschungsarbeiten zur Kontaktlinguistik* [Festschrift für Peter Nelde zum 55. Geburtstag]. Bonn: Dümmler, pp. 232-241.
- (2014): "Lingüística empática." Em: *Rilce*, 30, 3, pp. 705-723.
- KACHRU, Yamuna (2008): "Language in Social and Ethnic Interaction." Em: Kachru, Braj B./Kachru, Yamuna/Sridhar, S. N. (eds.): *Language in South Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 345-360.
- KATZ, Mara (2015): "Politeness Theory and the Classification of Speech Acts." Em: *Working Papers of the Linguistics Circle*, 25, 2, pp. 45-55.
- KOCH, Peter/OESTERREICHER, Wulf (1985): "Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte." Em: *Romanistisches Jahrbuch*, 36, pp. 15-43.
- LASS, Roger (1990): "How to Do Things with Junk: Exaptation in Language Evolution." Em: *Linguistics*, 26, pp. 79-102.
- LEE, Hye E./PARK, Hee S. (2011): "Why Koreans Are More Likely to Favor 'Apology', While Americans Are More Likely to Favor 'Thank You'." Em: *Human Communication Research*, 37, 1, pp. 125-146.
- LEECH, Geoffrey (1983): *Principles of Pragmatics*. London/New York: Longman.
- (2014): *The Pragmatics of Politeness*. Oxford: Oxford University Press.
- NARROG, Heiko/HEINE, Bernd (2021): *Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press.
- NORRICK, Neal (1978): "Expressive Illocutionary Acts." Em: *Journal of Pragmatics*, 2, pp. 277-291.
- NÜBLING, Damaris/DAMMEL, Antje/DUKE, Jeanet/SZCZEPANIAK, Renata (2010): *Historische Sprachwissenschaft des Deutschen: eine Einführung in die Prinzipien des Sprachwandels*. Tübingen: Narr.
- OKAMOTO, Shinichiro/ROBINSON, W. Peter (1997): "Determinants of Gratitude Expression in England." Em: *Journal of Language and Social Psychology*, 16, pp. 411-433.
- PABLOS-ORTEGA, Carlos de (2015): "Thank You for a Lovely Day! Contrastive Thanking in Textbooks for Teaching English and Spanish as Foreign Languages." Em: *Pragmática Sociocultural / Sociocultural Pragmatics*, 3, 2, pp. 150-173.
- PERCIVAL, Nicole/PULFORD, Briony (2019): "Do Say 'Thank You': Verbal Expressions of Politeness and Gratitude Influence Interpersonal Perceptions." Em: *The Journal of General Psychology*, 147, 3, pp. 228-243.
- RENZI, Lorenzo (1996): "'Ma la diga, no xela venezian éla?' Per una storia delle forme allocutive nei dialetti italiani". Em: Benincà, Paola/Cinque, Guglielmo/De Mauro, Tullio/Vincent, Nigel (eds.): *Italiano e dialetti nel tempo. Saggi di grammatica per Giulio C. Lepschy*. Roma: Bulzoni, pp. 259-271.
- RODRÍGUEZ SOMOLINOS, Amalia (2024): "Prière, remerciement et politesse en ancien français : *vostre merci, multes merciz, merci !*." Em: *SHS Web of Conferences*, 191, p. 03006.

- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (1998): “Die Dialektik von Identität und Alterität.” Em: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 110, pp. 41-57.
- SEARLE, John R. (1976): “A Classification of Illocutionary Acts.” Em: *Language in Society*, 5, 1, pp. 1-24.
- SIMON, Horst (2021): “Grammatik, Höflichkeit und Gender in der Zweiten Person. Über Anrede-Genus.” Em: *Linguistik online*, 107, 2/21.
- TERKOURAFI, Marina (2011). “Thank You, Sorry and Please in Cypriot Greek: What Happens to Politeness Markers When They are Borrowed Across Languages?” Em: *Journal of Pragmatics*, 43, pp. 218-235.
- TIETGENS, Hans (1972): “Vom Nutzen und Nachteil der Konvention.” Em: Kerbs, Diethart et al. (eds.): *Das Ende der Höflichkeit. Für eine Revision der Anstandserziehung*. München: Juventa, pp. 96-114.
- VAN DE VELDE, Freek/NORDE, Muriel (eds.) (2016): *Exaptation and Language Change*. Amsterdam: John Benjamins.
- WALL, Albert (2017): *Bare Nominals in Brazilian Portuguese*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- WONG, May L. Y. (2010): “Expressions of Gratitude by Hong Kong Speakers of English: Research From the International Corpus of English in Hong Kong (ICE-HK).” Em: *Journal of Pragmatics*, 42, pp. 1243-1257.
- YUSEFI, Kolsoum/GOWHARY, Habib/AZIZIFAR, Akbar/ESMAEILI, Zakieh (2015): “A Pragmatic Analysis of Thanking Strategies Among Kurdish Speakers of Ilam Based on Gender and Age.” Em: *Procedia. Social and Behavioral Sciences*, 199, pp. 211-217.

| David Paul Gerards é, desde 2022, professor de Linguística Ibero-Românica e Aquisição de Segundas Línguas na Universidade de Mogúncia (Alemanha). Anteriormente, desempenhou funções como investigador nas Universidades de Zurique e Leipzig. Os seus principais domínios de investigação situam-se sobretudo nas áreas da morfossintaxe e da semântica românicas comparadas, bem como na linguística da variação e no estudo da mudança linguística.

